



Volume II, número 1, jan-jun, 2021, pág.338-358.

EN-CONTROS, DES-ENCONTROS E RE-ENCONTROS NA CLÍNICA E PESQUISA PSICOLÓGICAS: DES-VELANDO OLHARES

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

A Psicologia, enquanto ciência, tornou-se uma área em que várias possibilidades de “ver o homem”, foram se consolidando com o passar do tempo, dentre elas, a Psicologia Clínica. Este artigo traz reflexões do autor sobre a clínica fenomenológica e a pesquisa cujo embasamento teórico é a fenomenologia. Compreende a necessidade de ir além do que está hermeticamente formatado como o mais coerente, o que deve ser seguido nos contextos clínico e de pesquisa. Traz para a discussão o que estipula como princípios da Linearidade e da Circularidade existenciais e, a partir daí, lança a proposta da clínica e o fazer pesquisa considerando três elementos: o encontro, o desencontro e o reencontro, compreendendo a dimensão humana e a intersubjetividade como componentes fundamentais do fazer psicologia sob a base fenomenológica. Permeando essa atitude, esse agir, propõe a perspectiva dos três olhares: o olhar que lanço sobre mim; o olhar que lanço sobre o outro; o olhar que lanço sobre o olhar do outro, constituindo o movimento, o devir na clínica e na pesquisa.

Palavras-chave: Psicologia clínica, pesquisa fenomenológica, Linearidade e Circularidade existenciais, perspectiva dos três olhares.

Abstract

Psychology, as a science, has become an area in which various possibilities of “seeing man” have been consolidated over time, among them, Clinical Psychology. This article brings the author's reflections on phenomenological clinic and research whose theoretical basis is phenomenology. Understands the need to go beyond what is hermetically formatted as the most coherent, which must be followed in the clinical and research contexts. It brings to the discussion what it stipulates as principles of existential Linearity and Circularity and, from there, launches the proposal of the clinic and doing research considering three elements: the encounter, the mismatch and the reunion, understanding the human dimension and intersubjectivity as fundamental components of doing psychology on a phenomenological basis. Permeating this attitude, this action, proposes the perspective of the three looks: the look that I cast on me; the look I cast on the other; the look that I cast on the look of the other, constituting the movement, the becoming in the clinic and in the research.

Keyword: Clinical psychology, phenomenological research, Existential linearity and circularity, perspective from the three looks.

Introdução

A Psicologia, enquanto ciência, tornou-se uma área em que várias possibilidades de “ver o homem”, foram se consolidando com o passar do tempo, dentre elas, a Psicologia Clínica. O termo clínica surge de *Kliné*, que significa ficar junto ao leito. Entretanto, com o progresso do arcabouço técnico-científico da psicologia, esse olhar sobre a clínica passou por transformações, em que a técnica em si mesmo passou a ser o mais importante e o homem, deixado ao lado. A adequação tem de ser da pessoa “desajustada”, de “comportamento anormal”, “um doente”.



Ao adentrar nessa área do saber, me deparei com situações que, para mim, àquele momento – e ainda hoje, não posso mentir – considerei – e ainda considero – equivocadas, marginalizantes, preconceituosas, discriminatórias e cujo *feeling* não me parece compreender esse outro que nos procura, mas propiciar a *readequação* desse homem, por si só, inseguro em consequência a situações com as quais não está conseguindo conviver –, no que está “previsto” nos códigos nosológicos ou nos “manuais” que fundamentam o caminhar profissional.

Sempre me questioneei acerca da “necessidade” de inserir esse outro em determinado código. Perguntava: gente, será que essa pessoa, com todo um fundamento educacional, história de vida, olhar muito singular sobre si mesmo e a vida, tem de realmente ser determinado por uma bateria de instrumentos que, em minha concepção, por si só, dissociados do histórico, da trajetória de vida, apenas viabilizam em cinco sessões a elaboração de um nicho em que esse outro será guindado à condição de doente? Será que daqui a algum tempo, dias, semanas, meses, a “resposta seria a mesma”? No momento em que eu o comunicar de que a hipótese diagnóstica seria essa, aquela ou aquela outra, ele não “vestirá” esse código de tal forma que, dada a situação difícil em que vive, o transformará em mais um a ser dissociado de si mesmo em decorrência do não reconhecimento do humano, da pessoa, por minha parte enquanto profissional “investido de um saber”? Dilema.

Percebia em algumas perguntas que direcionava em sala que causavam incômodo. O mais interessante, mais nos discentes do que nos docentes. E eis que um dia me surge um professor que me fez refletir acerca da relação com esse outro, me veio falar sobre fenômeno, intersubjetividade, subjetivação, ser-com-o-outro, ser-no-mundo, tédio, angústia, temporalidade, escolhas (não apenas desejo pelo desejo, mas me perceber como um ser que deseja, e por isso, opta, escolhe), temporalidade. Me fez querer mergulhar na perspectiva clínica e tudo o que ela pode propiciar de aprendizagem, de conhecimento, de possibilidades. Adentrei a Fenomenologia! Entretanto algo continuava a me incomodar.

A docência em seu contexto pluridimensional requer, antes de tudo, a compreensão, por parte do docente, do olhar de seus alunos acerca da própria formação. E a formação deixa a desejar, principalmente no que concerne ao aspecto conteudismo,



como se o conteúdo devesse ser a esfera mais fundamental do processo de aprendizagem. E esse pensar da “academia” me faria refletir sobre o que eu não gostaria de ter vivenciado em meu momento como discente. Assim pensando passei a trabalhar conteúdo e prática, ou seja, a discussão e adequação da teoria à prática em busca de novas possibilidades para o ser-aluno e o ser-professor; não mais procurando adequar a prática à teoria.

Contudo, ao me propor essas questões, a busca foi corroborar a compreensão do discente acerca de cada um dos conceitos que a Fenomenologia – heideggeriana, minha escolha – de modo que o entendimento desses constructos pudesse auxiliar a cada um em sua trajetória singular e pluridimensional pela clínica psicológica. Não somos filósofos, somos psicólogos. Dessa forma, de que modo poderíamos estar trazendo o arcabouço teórico de Heidegger para a clínica? Obviamente, sem nos mantermos a distância do aluno em seu processo de construção como terapeuta; uma distância causada pela incompreensibilidade da retórica de um dos filósofos mais complexos, audazes e fantásticos de todos os tempos. Hora de fazer um esforço e propiciar, na prática, o que os alunos passaram a denominar de “tradução” do filósofo da Floresta Negra. E já se vão 14 anos de buscas, conquistas, prazeres e estímulo para continuar.

Para mostrar esse caminho, vou apresentar a partir do próximo momento deste capítulo, as construções teóricas em Heidegger e sua consonância com a clínica. Isso posto no sentido de mostrar o olhar que lançamos para o fazer clínico da psicologia que me tem propiciado marchar junto com aquele que está em formação, compreendendo sentido e significados do acontecer clínico, amparado em um referencial eminentemente filosófico, mas que me permite redimensionar a relação terapêutica e a atuação enquanto psicólogo.

Após esse primeiro momento de “tradução”, trarei o que compreendo como encontros, des-encontros e re-encontros na relação clínica a partir do que denomino de três olhares necessários ao envolvimento existencial na clínica de base fenomenológica: o olhar que lanço sobre mim, o olhar que lanço sobre o outro e o olhar que lanço sobre o olhar do outro. Possibilidades, sempre possibilidades.

A imbricação entre conceitos e vivência clínica



Alguns conceitos heideggerianos serão apresentados a partir deste momento e explicitarei a imbricação que tenho realizado com a atitude clínica – sim, utilizar a fenomenologia na clínica resulta em atitude diante do outro – ou seja, na minha relação com o outro na relação terapeuta-terapeutizando.

Há de ressaltar que não estarei “minimizando” quaisquer teorias ou constructos filosóficos. Apenas é uma forma, um modo de ser terapeuta e supervisor de estágios de quem se apropriou da fenomenologia de Heidegger e “ousou” ir além da filosofia, tendo em vista que, antes de quaisquer questões, é um psicólogo e pesquisador que utiliza os parâmetros elaborados pelo filósofo da Floresta Negra.

Assim, temos alguns conceitos que iremos mostrar: *Dasein*, *Ser-Aí*, *compreensão*, *ser-no-mundo*, *ser-com-o-outro*, *mundo*, *facticidade*, *autenticidade*, *inautenticidade*, *afetividade*, *disposição*, *Cuidado*, *técnica no mundo contemporâneo*.

Conforme compreende Castro (2017), o *Dasein* – *Ser-Aí* – somos todos nós que habitamos o mundo, estamos no mundo, fazemos parte do mundo. Não há um mundo lá e eu aqui, distanciado. Não, o filósofo da Floresta Negra nos faz refletir acerca de todos nós lançados neste mundo, no que designamos vida, designamos cotidiano, imersos em todas as situações que vêm ao nosso encontro, sem que tenhamos controle sobre quaisquer uma delas, denominadas de *facticidades*. Esse termo foi elaborado no sentido de compreendermos que não conseguimos ir além do momento que estamos vivenciando. Passado, como o próprio termo indica, está lá atrás, em algum lugar, contudo algumas situações fazem com que essas vivências anteriores sejam atualizadas a partir de situações – similares ou não àquelas – hoje, eis o *Aí*.

Esse outro quando procura o acompanhamento psicológico nos chega com o olhar, na maioria das vezes, voltado para si mesmo a partir da situação que causa sofrimento, dor, estranhamento. Ele, dessa forma, mergulhado na problemática com a qual não consegue lidar, se apresenta como a própria dor, não consegue ir além do que o está fazendo sofrer. Assim, como não consegue se perceber além do fato ou situação que o levou até mim, é o que caracteriza o *Aí*, o *Dasein* heideggeriano. É esse outro imerso no turbilhão de emoções no qual se encontra lançado. Explicitando, a situação propriamente dita é a *facticidade*, o que o retira do lugar em que até esse momento se



encontrava, ele – a pessoa – se vê jogado em uma situação a qual não pediu e passa a perceber o cotidiano, o mundo, a vida, suas relações, sob o viés do que se lhe ocorre.

[...] a minha vida mudou a partir do momento em que aconteceu o que aconteceu [...] não sei mais o que fazer, não sei como fazer, não sei pra onde ir. Me sinto só, sem ninguém, minha vida virou de ponta a cabeça. O que aconteceu não sai da minha cabeça¹.

O que resta do passado denominado por Heidegger (2013) como o vigor de ter sido são, sem dúvida alguma, os sentidos atribuídos a determinadas situações que me propiciaram caminhar, me fizeram seguir considerando o mundo, a vida, a mim mesmo e ao outro, a partir de uma designação, de um significado atribuído a um dos caminhos, dentre os vários que poderiam ter sido percebidos. Assim, o sentido que atribuí a uma determinada situação e que me faz percorrer um caminho compreendido à conta de *Veritas*, ou seja, considerado como verdade absoluta, e não como deveria ou poderia ter sido concebido à conta de *Aletheia*, ou a relativa possibilidade de algo ser muito mais do que eu considero que o seja.

O outro chega até nós munido do que denomino de “teoria própria da vivência”, ou seja, diante de uma determinada situação que lhe ocorreu, atribuindo um sentido a ela, elabora uma teoria acerca do vivido, e a partir daí passa a ver o mundo sob a égide de suas pressuposições. Concomitantemente, a responsabilidade pelo viver é direcionada ao outro; o outro se torna o maior responsável pelo meu sofrimento e pela minha dor e o discurso vem mais ou menos nesse sentido: “*Tudo o que fiz em minha vida foi por ele(a). Deixei de viver minha vida em função do que eu sentia [...] estou nesta situação porque ele(a) é que me levou a ficar assim*”.

Esse fato nos leva a outro conceito heideggeriano, a *compreensão*. Ora, para esse filósofo a compreensão não é a representação propriamente dita, esta última deixa de ser percebida como de suma importância no caminhar do homem, ela se vincula a possibilidades. Torna-se o entendimento sobre o poder-ser de cada um de nós, uma vez que, em nosso cotidiano, em nosso dia a dia, todos nós nos encontramos, nos expomos à tarefa de ser sendo. Traduzindo: cabe a nós a caminhada, a escolha, a decisão sobre nós

¹ Reminiscências do autor a partir de sua prática clínica



próprios, nos constituirmos como humanos, nos constituirmos no processo de que tudo o que aí está posto, no sentido de possibilidades, realmente poder-ser.

Dasein nessa concepção significa cada um de nós, em nosso caminhar diário indo além da conjectura, do “achar que é isso ou aquilo”, é nos percebermos na trilha da vida, é não nos censurarmos ao ponto de esquecermos de nós próprios e nos escondermos a partir de uma “teoria” que engessa nossa visão sobre o mundo, sobre a vida, sobre nós próprios, É, no pensar de Castro (CASTRO, 2017), a abertura necessária para pensarmos a nós mesmos; fala do projetar-se afetivamente, trata-se do afetar-se e do se deixar afetar.

Afetividade. Diretamente relacionada à *disposição* – os estados de humor que vivencio em meu dia a dia. Como isso se dá? A partir de determinadas situações que me põem em xeque e me fazem perceber que a vida não é apenas aquilo que ali está, posto. Pelo contrário, o mundo me fere e eu a ele me refiro, ou seja, quando sou afetado por determinada situação, o mundo se revela a mim, e o real só é considerado como tal, porque eu o experienciei de maneira diversa àquela que o experienciava antes, eu sou “tocado” pelo mundo, pela vida, por minhas relações. Assim, a emoção daquela situação me abre a realidade, aberta por uma emoção, que por sua vez, é esculpida por essa realidade. E dessa forma, a emoção abre o real que me dispõe em determinado estado de ânimo. E todo esse processo se dá no mundo, no cotidiano, no meu dia a dia.

Mundo. Recordo neste momento do maior dos poetas, Drummond de Andrade: mundo, mundo, vasto mundo! E na fenomenologia de Heidegger, o que significa esse conceito? Que não é apenas um conceito. Desdobra-se em três concepções.

Mundo circundante é o que nos rodeia. Não no sentido de ambientes e estruturas sociais que estão ao nosso entorno. Mas às convenções, as normas, as resoluções sociais nas quais estamos inseridos e sempre exigindo de cada uma postura de responsividade positiva a elas. E, quando isso não ocorre, acabamos mergulhados em não, em imposições muitas vezes estapafúrdias e sem razão de ser, propiciando dor e sofrimento por não concordamos com o que está previamente designado como lei.

Contudo o outro lado também pode ser vivenciado no sentido de nos aferrarmos de tal forma a essas normas e regulamentações e, dado o sentido que atribuímos a estas, resolvemos “enquadrar” as pessoas de nossas relações em nossa forma muito particular



de compreender a vida a partir dessas convenções. O outro, obrigatoriamente, tem de responder à vida em conformidade com a forma que eu considero que deve ser. Assim,

Dr., o fulano tem de seguir as minhas regras. Sou mais velho do que ele, eu sei o que é melhor para ele, tenho mais experiência, eu sei o que é a vida e para ficar na minha casa tem de seguir as minhas regras, simples assim!

Mundo humano ou o mundo das relações: eu me reconheço enquanto homem a partir de meu mundo de relações. Tal relação com os outros é compreendida como a mais fundamental característica do existir humano. Existir é originariamente *ser-com-o-outro*, é uma relação de reciprocidade, uma vez que somente na relação cotidiana com as pessoas é que as potencialidades do indivíduo são atualizadas. Afinal, é na convivência com o outro que o sujeito pode saber quem é como ser humano. Ou seja, o indivíduo se percebe enquanto humano nas relações que estabelece, reconhecendo-se a partir dos seus semelhantes (CASTRO, 2017).

Mundo próprio ou a relação que estabeleço comigo mesmo. Essa é a relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo, é o ser-si-mesmo, na consciência de si e no autoconhecimento. São as situações que a pessoa vai vivenciando, sua relação com o mundo circundante e com os outros, as quais vão possibilitar a atualização de suas potencialidades, outorgando-lhe as condições necessárias para ir se descobrindo e reconhecendo como é.

Cuidado. Ser-no-mundo é ser de cuidado, eis a proposição heideggeriana, definida por ele como o modo como procedemos em relação aos entes que nos envolvem no mundo. Na perspectiva desse teórico, o cuidado é inerente ao ser-no-mundo, uma vez que devemos zelar, velar, cuidar de nós próprios e do outro. Para Castro (2017), o Cuidado deve ser compreendido como o habitar o mundo e construí-lo, preservar a vida biológica e atender às suas necessidades, tratar de si mesmo e dos outros. Afinal, é o cuidado que torna significativa a vida e a existência humana. Ser-no-mundo, portanto, é cuidar.

Os olhares da clínica: sobre mim, sobre o outro e sobre o olhar do outro

O ser-no-mundo – cada um de nós em nosso caminhar na vida – diante de situações que o lançam, em sua cotidianidade imediata, a atribuir um significado, muitas



vezes se fecha em sua compreensão de modo hermético e, conseqüentemente, em sua historicidade. A partir daí suas relações passam a ser vivenciadas pelo viés do ensimesmamento, uma vez que não consegue perceber a dimensão real do ser-si-mesmo diante do que está ocorrendo. O olhar é para dentro de si no sentido de enclausurar-se em suas concepções e, dessa forma, lançado nesse redemoinho, ou diria mesmo, nessa espiral provocada pelo sentido atribuído ao fato, não se possibilita uma percepção mais abrangente da situação que está experienciando. Compreendo nessa concepção, o que poderíamos caracterizar como o **Princípio de Circularidade Existencial**, haja vista que a visada sobre o mundo circundante, humano e próprio se torna linear, sob um único prisma, ou seja, não nos permitimos a vivência da mudança, da transformação, a vida é pensada em linha reta, entretantes, estanque.

Essa linearidade o faz acreditar que não existem outras possibilidades, outras chances, a não ser aquela que o sentido atribuído ao fato lhe propiciou. Nesse momento, o fechar-se por não se perceber capaz de seguir adiante, o impede de enfrentar a vida de outra maneira, de outro modo de ser no mundo. E a angústia torna-se exacerbada, uma vez que, da forma como vê o mundo, a sensação é de incapacidade, de dissolução do ser-si-mesmo na facticidade experienciada.

A esse processo denomino de **Princípio da Linearidade Existencial**. É o caso de pessoas que ao viver situação de extremada dificuldade em suas vidas, prendem-se de tal forma a essa significação outorgada ao fato que não conseguem perceber os mais variados caminhos pelos quais poderiam enfrentar a agrura, encontrar-se enquanto um ser-de-possibilidades e, conseqüentemente, destacar-se da dor e do sofrimento, dando continuidade em seu viver, à vida com suas alegrias e tristezas, risos e lágrimas. Contudo permanecem presas a um fato que não conseguiram superar. Veem a existência sob a égide de angustiantes sentidos: da menos-valia, da agressividade, da vitimização, da não pertença, da baixíssima autoestima, autoimagem e autoconceito. E nessa perspectiva, permanecem por muito tempo algumas vezes e se efetiva a perda de sentido da própria existência.

Retornando ao Princípio de Circularidade Existencial poderíamos pensar em uma casa onde os quartos são de tal forma contíguos, amalhados uns aos outros que não há condição de locomoção entre os ambientes, não há onde circular. A



circularidade, por sua vez, seria a tramitação pelos vários locais que compõem o ambiente que chamamos casa. Seria a possibilidade de não ficar trancado em um dos ambientes e perceber que existem vários corredores que levam aos mais variados ambientes. Ambientes esses que podem ser vivenciados com alegria, com a sensação de pertencimento, ou não, poderiam ser ambientes chagásicos e de difícil acesso. Contudo, mesmo sendo vivenciados como esses últimos, seriam tomados à conta de experiências necessárias e o mergulho em cada um deles revelaria algo novo, tornando-nos mais seguros e firmes de nossas e novas proposituras.

Ora, considerando que meu olhar sobre o mundo se torna opaco, sem brilho, haja vista que apenas vejo o mundo sob uma única visada, certamente minha rede de relações significativas torna-se, obrigatoriamente, comprometida. Esse comprometimento, por sua vez, não me faz perceber ou mesmo estabelecer limites. Dessa forma, a relação grupal – minha com os viventes dos mais diversos grupos sociais dos quais participo – torna-se uma ladeira íngreme e sem perspectivas de atingir quaisquer lugares, ou seja, permaneço, sem, contudo, permanecer; me digo pertencendo; sem, contudo, pertencer ou me sentir pertencendo. Afinal, o sentido vivenciado lá no “para trás” continua a me amordaçar, a me corroer, e muitas vezes sem que eu mesmo perceba.

Um questionamento surge então: existiram dois princípios que se apresentam diferenciados e autóctones? Não. Em sendo a vida um processo, uma dinâmica infrene, cabe ao clínico amparado na fenomenologia *compreender* a interpretação que o outro realiza de uma dada situação e que o remete ao início de uma nova visada sobre o mundo, sobre a vida, sobre mim, sobre o outro. Partindo do pressuposto da dinamicidade inerente ao existir – abertura à vida – cumpre ressaltar que, mesmo diante da vivência sob apenas um prisma – a Linearidade Existencial –, pondero, compreendo, assumo a vida sob uma perspectiva que considero a mais correta (para aquele momento ou daí por diante), atribuindo um sentido, um significado ao vivido, me regozijando ou me lamentando, a vida continua sua caminhada processual, tendo em vista que, mesmo com o olhar unívoco sobre as situações que me ocorrem, continuo a vivenciar “minhas verdades” que em nenhum momento se fazem absolutas, pelo contrário, são verdades que vão se constituindo e se construindo continuamente. Nesse momento, quando se



percebe a vivência dessa processualidade, insere-se a Circularidade Existencial. Afinal, eu não somente reproduzo, espelho, mas produzo e, nesse ato de produzir, lanço mão da afetividade, da compreensão, da disposição heideggerianas, já explicitadas.

Na Linearidade, a Circularidade e vice-versa. Como assim vice-versa? Ora, considerando que ao vivenciar o Princípio da Circularidade eu enfrento, transito sob as mais diversas esferas de vivência de tempo e espaço, e esse circular, em sua processualidade, me impele a atribuir um conceito, um objetivo, uma meta relacionada à situação fáctica que vivencio e, assim, ao compreender um fato, meu olhar se torna único, direcionado, linear a partir dessa significação. Buscando a fenomenologia de Heidegger posso me arvorar em dizer que o ser-no-mundo é processualidade de significações que o remetem a um *poder-ser* abertura, mesmo quando permaneço fechado para outras situações que ocorrem à sua volta.

O existir caracteriza-se por ser lançado à vida, ou, como diz Castro (2017): ser jogado no mundo, sem porto seguro onde se amparar. O *Dasein* vivencia o *Dasein*. Vivencia a compreensão que elabora das situações, dos significados e sentidos atribuídos à vida onde o Outro é elemento fundamental, partícipe dessa dinâmica.

A clínica psicológica propicia conhecer e re-conhecer esse Outro que vem até nós em sofrimento, mergulhado muitas das vezes em sua dor existencial, falando acerca de um “vazio” que o impele a vivenciar o dia a dia sob o viés da fragilidade, da vulnerabilidade, o que os faz comprometer o olhar sobre a vida de forma geral. Como poderíamos estar, na clínica, trabalhando esses aspectos? Sob quais perspectivas esse Outro passa a experienciar o cotidiano?

Conforme expus anteriormente, a vivência de determinadas situações pode provocar sentimentos desencontrados em que essa pessoa não consegue lidar com a situação e o descontrole emocional fica estabelecido. Nesse ínterim, suas relações interpessoais sofrem desgastes consideráveis. E ao chegar à clínica, fala de todas as pessoas a seu redor e o quanto ela sofre por não ser compreendida, por não conseguir mais viver o seu dia a dia como antes e em suas falas trazem o não reconhecimento de si mesmo:

Eu não sei mais o que fazer, não me sinto bem comigo mesmo, a vida não tem sentido, apenas vou vivendo da forma como dá, a situação que estou passando é muito ruim... eu me isolo e só faço chorar, não



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

consigo pensar em mais nada a não ser nessa dor que sinto e que está acabando comigo (P.1).

A pessoa, para si mesma, some. O existir passa a ser vivido sob a égide da dor e do sofrimento relacionados à situação que disparou todo esse processo que a levou até nós. O interessante nos discursos – e não foram poucos nesses anos que escutei – é o autoabandono, o mergulho em um fato que culmina em não se enxergar mais, ela não consegue ir além do pesar, do desgosto, da decepção. Deixa de ser ela para ser a própria dor, para ser o sofrer causado pelo episódio. O que nos cabe enquanto terapeutas na clínica fenomenológica?

Necessário compreender que nossa meta na clínica é a busca pela existência desse Outro. E isso significa que devemos entender que a fala expressa no set terapêutico – seja ele tradicional ou não² – é do acontecer do acontecimento, e não importa se isso, como nos diz Valverde (2011), “*se dá num átimo, no de correr da vida de uma pessoa, no tempo em que os planetas demoram para realizar suas voltas ao redor do sol*”. Procura-se o acontecer da facticidade, a verbalização do que se vivencia. É estar atento ao que é dito, como é dito, a emoção que ali está sendo expressa, a dor, o sofrimento, a alegria que a fala nos traz. É, dessa forma, não apenas ler as entrelinhas, mas ir à busca da fala do discurso. O que esse outro me diz no que está falando? De que olhar é esse lançado sobre si mesmo? De quais dimensões de vida esse olhar se faz? Difícil? Muito. Preciso me despir de minhas “coerentes percepções” teóricas e me permitir “ir a esse Outro”. Aí, a dificuldade. É muito cômodo me amparar no arcabouço teórico e colocá-lo entre mim e esse Outro. Fenomenologia não é isso. E como seria?

É você se colocar em disponibilidade. E aqui surge um adendo: *empatia* não é colocar-se no lugar do Outro. Pelo contrário. É você se presentificar junto a essa pessoa, estar junto a esse outro, em abertura para com ele, lutar, “sim, lutar”, para não permitir que teus valores, tua forma singular de ver a vida te impulsione a “sugerir” – a partir de tuas vivências – o que o Outro deve ou não fazer em relação a sua própria experiência. Seria ser neutro? Nunca. A vida não permite “neutralidade”. Vida é dinamicidade. É mostrar-se. É dizer a que veio. Simples assim.

² Quando me refiro ao tradicional quer dizer o set terapêutico clássico com o aparato que a formação em Psicologia preconiza; o “não-tradicional” é aquele em que a escuta, independentemente ao ambiente onde está sendo realizada, está caracterizada pela vivência da intersubjetividade, o respeito, a abertura de um para com o outro, momento ímpar em que me coloco inteiro na relação com o Outro.



Considerando que o homem é quem é na medida em que fala, é assim um acontecer do próprio falar. O que ele diz é o que em realidade se apresenta, o que vem à luz no próprio apresentar-se. É o fenômeno. O sentido atribuído está aí, à mostra. E aí se dá a compreensão, no aprendizado conjunto. É você, enquanto terapeuta, devolver para esse Outro o que está sendo expresso, o que intuístes do que está sendo dito, questionar junto a ele se o teu “compreender” está de acordo e em acordo com o que está sendo pronunciado por ele acerca da situação vivenciada. É identificar se você enquanto terapeuta está conseguindo realmente caminhar com ele no que está sendo trazido, no que está sendo dito, no que está sendo revelado.

É nesse momento que você enquanto terapeuta é levado à compreensão do olhar que é lançado sobre ele mesmo. De onde esse Outro se olha? O que tem a dizer sobre si mesmo? De quais capacidades, habilidades e atitudes relacionadas ao ser-si-mesmo ele nos fala? Torna-se premente propiciar que ele se “olhe”, se “veja”, sem quaisquer justificativas ou racionalidades.

O fundamental é ver e escutar, ou seja, ser tomado pelo discurso desse Outro que nos traz o seu modo muito próprio de compreender a si mesmo, a vida, o mundo, o outro. Não é meramente interpretar. É mergulhar nessa história que nos é trazida em toda a sua pluridimensionalidade. E nesse mergulho, oferecer a esse Outro a possibilidade de preocupar-se – a partir de sua fala – com a autenticidade necessária no viver cotidiano. É compartilhar a existencialidade desse Outro que se faz escutar e se escuta, que se possibilita ser-ele-mesmo no processo terapêutico e no qual, enquanto terapeuta, me permito ser o ouvinte, sem, contudo, adentrar por pré-julgamentos, preconceções, pré-conceitos originários de um escutar ansioso, presunçoso. É compreender o mundo desse Outro.

E o olhar que lança sobre si mesmo é o que o designa diante de si mesmo. A partir desse movimento que caracterizo como auto-olhar é que podemos questioná-lo, confrontá-lo a partir da situação que vivencia. Nessa perspectiva propiciar que ele próprio se questione, se perceba sem justificativas, sem comiseração, propicia o mergulho necessário no ser-si-mesmo e o convida a olhar a si próprio sob outra visada, a partir de um novo propósito.



Contudo esse olhar, quando não consegue perceber a importância do ser-si-mesmo, é um olhar que se relaciona, que estabelece ligação com o seu semelhante, com o que está a caminho junto a si mesmo. De que olhar falamos neste momento? Do olhar que lança sobre o outro.

Forghieri (2011) revela que o nosso caminhar é um contínuo estar com o outro. Vem neste momento um questionamento: como se dá esse caminho diante de uma situação que oprime, causa dor e sofrimento e com a qual não conseguimos lidar? Do mesmo modo que o olhar sobre mim, modifica, conseqüentemente, o olhar sobre o outro torna-se diferente e diferenciado.

Diferente e diferenciado sob quais aspectos? Ora, se não consigo me ver em meu próprio caminhar, como verei esse outro? Uma vez que me afasto – e me afasto mesmo – de mim mesmo, conseqüentemente me afasto dos que fazem parte de minhas relações interpessoais. Estas últimas são vistas pelo viés do sofrimento que estou vivenciando. A fala do outro não me interessa; a fala do outro produz incômodo; a fala do outro, a presença do outro me causa dor. O mundo que compartilhamos com esse outro, seja casa, grupo social etc. está sendo vivenciado sob outra conotação. Vivemos com esse outro em um espaço onde não são vivenciadas apenas histórias, mas significações, ou seja, vivenciamos um emaranhado de sentidos que se abrem para cada um de nós. Afinal, cada um que conosco vivencia esses espaços é portador de seu próprio mundo. E, quando sofro, esse outro mundo – pensado e vivenciado – se torna desconhecido.

O que nos cabe enquanto terapeutas? Imergir em sua concepção de relação, de ser com o outro, que faz parte de sua vida. Para isso, precisamos mergulhar na historicidade daquele que conosco está. Torna-se necessário conhecer e re-conhecer a trajetória de vida desse Outro e seus relacionamentos construídos e constituídos no decorrer de seu caminhar. É premente possibilitar a expressão de “como” – sempre o como, nunca o porquê – suas relações têm se efetivado, como caracteriza seus relacionamentos no sentido de buscar a compreensão do sentido que atribuem às amizades, à família, aos grupos sociais a que pertencem.

Como se veem pertencendo? Que *locus* é esse a que pertencem? Como se dão as relações? Quais as perspectivas que percebem no que concerne a si mesmas e as relações estabelecidas? Quem é esse outro que permeia o cotidiano? Assim, não basta



“saber” dos relacionamentos, necessário faz-se compreender a dimensão daquele na vida desse Outro que está a caminho conosco no processo terapêutico.

Entretanto a pessoa que nos procura, a partir de suas vivências, lança o que tenho percebido, o olhar sobre o olhar do outro. E muitas vezes, não poucas é verdade, esse olhar se torna o diferencial, o que leva esse Outro (a pessoa que me procura) a atribuir um sentido incomparável ao olhar daquele com o qual convive. É um perceber de modo distorcido, transformando o existir conturbado e emocionalmente fragilizado.

O emocional, as emoções experienciadas na minha relação com o Outro, estão presentes em todo processo psicoterápico, uma vez que podemos considerá-las como o manifestar da intencionalidade da consciência. Como assim, poderiam estar questionando neste momento? Simples, é por meio delas (as emoções) que nos relacionamos com o entorno, com o mundo (nesse caso, a vida, as pessoas, eu mesmo). E a vivência de uma situação que nos traz abalos emocionais – sejam considerados bons ou não – representa a expressividade de nossos valores e comportamentos. E na psicoterapia, na minha relação com o terapeutizando, podemos – a partir de suas emoções expressas na fala – criar condições para que sejam explorados e revelados a sua visão de mundo. E nesse ínterim, as questões emocionais relativas a forma como esse Outro acha que o olhar de um terceiro pode estar sendo fundamental para que sua caminhada esteja da forma como está, ou seja, para que sua vida seja de sofrimento.

E como essa situação pode ser percebida no set terapêutico? Naquele instante em que a pessoa chega para você e diz, por exemplo:

Desde que comecei a me relacionar com o C..., minha vida não tem sido mais a mesma. Sempre me esforcei para que nossa relação desse certo, desde o início. Sempre busquei fazer tudo o que estava a meu alcance. Sempre percebi que algo o desagradava, eu procurava fazer diferente. Sempre fui de pensar muito nele antes de mim mesma. O tempo foi passando e parece que não consigo acertar, parece que sempre estou fazendo errado. Eu não quero mais errar, eu quero acertar. Quero que meu companheiro sinta orgulho de mim, me valorize pelo que eu faço por ele (S).

Você sabe que eu sou empresária, batalho todos os dias, sem descanso. Mas, parece que minha namorada, a T... não vê isso. Sabe? Quando percebo que o olhar dela está direcionado para um produto, por exemplo. Sem que ela saiba, eu vou lá, compro e levo para ela. Mas, ultimamente ela tem me tratado de forma fria, agradecendo



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

friamente. Mas, é o que ela queria, não é? Eu não mereço um carinho, um afago, um beijo? Fiz porque vi como ela olhou pro produto (R).

Sempre faço tudo por ela... é minha bonequinha. Ela pensa e eu já estou me virando pra conseguir o que eu vejo que ela quer. Parece que ela sempre está querendo algo e eu me matando pra conseguir. Não arrego, não. Algumas vezes parece que ela não gosta muito não, dá pra ver na cara dela. Mas, o importante é que eu percebi o que ela quer e mostro o amor que tenho por ela assim também. Como te falei, ela nem precisa falar, porque eu percebo antes disso (E).

O que tenho percebido nesses anos na clínica é a imensa necessidade da justificativa do ser-quem-sou a partir do sou-aquilo-que-o-outro supõe que eu seja. Atrela-se ao existir uma concepção fechada em si mesma no sentido de que “eu acho que o outro quer isso ou aquilo de mim”. Sob quais perspectivas e valores esse olhar se ampara? Torna-se premente lançar a esse Outro – o cliente – questionamentos que o possibilitem refletir acerca do que está falando. Por que digo isso? Porque as pessoas, e não raras vezes, não se escutam, não percebem a dimensão da sua fala, do teor da sua fala. Assim, quanto mais pudermos em nosso caminhar terapêutico com essa pessoa, trazer para ela a sua própria fala de forma a que reflita sobre o dito, mais interessante fica o caminhar.

Então, veja se eu compreendi o que acabou de dizer... você está querendo dizer ... você está me dizendo que ...

Dos encontros, des-encontros e re-encontros³: a clínica se efetiva

O Outro que nos procura na clínica é, na maioria das vezes, alguém absorto em suas próprias conjecturas, teorias sobre si mesmo e sobre a vida, justificativas acerca do que está ocorrendo ou passou a vivenciar a partir de uma dada situação. Não consegue se perceber em sua trajetória de vida, ensimesmado em si mesmo e em sua dor e sofrimento.

Gostaria de falar neste momento acerca do encontro. Falo aqui da pluridimensionalidade das situações – corriqueiras ou não – que se nos ocorrem cotidianamente. Por que inserir as corriqueiras nesse movimento? Porque ao

³ Termos criados pelo autor a partir da Fenomenologia, em que proponho que os encontros vão além do que realmente se pensa. É pluridimensional, é uma vivência mais grandiosa do que se supõe, uma vez que me retira de meu porto seguro, me retira desse *locus* a que estou adaptado e habituado. Assim, também se dá em relação aos dois outros conceitos.



vivenciarmos um determinado fato, muitas vezes as situações corriqueiras potencializam o sofrimento. Por exemplo:

Eu não sei o que acontece, ou o que aconteceu. Depois que a situação ocorreu comigo, simplesmente até o olhar de minha mãe, de meus irmãos, das pessoas me incomodava. Sempre fui muito solícita com todos, mesmo diante dos problemas. Desta vez, não está sendo assim. Pelo contrário. Tornei-me agressiva. As pessoas não conseguem mais me olhar, já recebem uma frase ríspida da minha parte. Aí te pergunto: o que elas têm feito comigo? Nada. Mas de um tempo pra cá, não suporto mais o olhar deles, não suporto o olhar de comiseração, o olhar de preocupação. São olhares que estão querendo me ajudar, eu sei. Mas não tenho conseguido ir além da raiva que tenho por mim mesma desde que aconteceu (J).

Encontro. Direção. Rumo a seguir a partir de determinado momento. O que isso quer dizer? Quando chega na clínica trazendo a situação que a retirou de sua habitualidade, de seu lugar. O fato ocorre, a facticidade (situações-surpresa, que nos tiram o chão dos pés, impacta) nos chega e redimensiona nosso caminhar, nossa vida, nossas relações. E, nesse aspecto, passo a viver e a ver a vida de forma multifacetada, fragmentada, direcionada a determinado ponto. Passo a ver meu caminho a partir de um único prisma, sob apenas um foco. Dor. Sofrimento sob a forma de medo, angústia, estupefacidade, insegurança.

O olhar passa por transformações. Tudo passa por transformações. O momento vivido, experienciado, torna-se o móvel a partir do qual esse Outro passa a caminhar. O sentido atribuído àquele fato determina o caminhar, o próximo ou os próximos passos. Ficamos mergulhados, literalmente, na situação. Não nos vemos capazes de seguir adiante. A surpresa diante da situação nos remete em um redemoinho emocional. Não conseguimos pensar além do que aconteceu, do fato em si mesmo. A consequência imediata da facticidade é me demorar e tornar esse fato o meu hoje onipresente, penso a partir da situação, respiro a situação, movo-me em virtude da situação. Ocorre o que chamo des-encontro.

Eu me des-aproprio de mim mesmo. Não consigo agir de modo seguro, uma vez que me vejo de uma fragilidade ímpar e, nesse ínterim, tenho minha segurança a respeito de mim mesmo e do outro, minada, assolada pelo que ocorreu, passo a me ver



sob a égide da menos-valia, autoestima, autoconceito e autoimagem tornam-se grandemente comprometidas. Só vejo a vida sob o prisma da desagregação psicológica que se instalou em meu ser. Passo a vivenciar em meu cotidiano a impessoalidade heideggeriana, ou seja, todo o vivido é em detrimento de mim mesmo, apenas viabilizando que sou o problema que ocorreu, que não tenho condições de ir além, me aprisiono em minhas próprias deduções e não me permito e não me possibilito transcender a problemática ocorrida. Minha história torna-se comprometida. Minha historicidade é afetada.

O que isso significa? É dizer que a consciência histórica de mim mesmo passa por mudanças, passa a ser dirigida e atraída, por e para sua objetualidade. Não consigo me pensar além do que aconteceu, vivencio o meu cotidiano sob essa perspectiva, ou seja, o meu modo público da vida torna-se a própria facticidade, uma vez que me exponho nesse caráter público sobre uma determinada interpretação de mim mesmo, mantendo-me nela e essa, por sua vez, me domina. Não me vejo com possibilidades. Me vejo apenas dor, sofrimento, angústia.

Até hoje, não consigo pensar em mais nada que não seja o momento em que ela disse para mim: “o que você pensa que é para determinar minha vida? Quem você pensa que é para dizer o que devo ou não fazer da minha vida? Apenas somos namoradas. Só isso. Você se endividou porque quis, nunca lhe pedi nada. Eu trabalho. Não preciso de você me sustentando. Olhar uma coisa não significa que queira. Se assim fosse, olho outras mulheres e nem por isso as desejo. Em que momento você achou que poderia me tornar sua propriedade? Tá louca? Vai viver tua vida, me deixa em paz, você sufoca, você não quer que eu cresça, você quer um fantoche que se anula por receber presentes caros. Você não me ama, você quer me possuir como se eu fosse um brinquedo. Comigo não. Sou muito inteligente para me permitir isso” (S).

A partir daí o mundo se torna desesperador, angustiante, sem perspectivas. O mergulho é em um eu-mesmo sem me apropriar da dimensão do olhar que lanço sobre o ocorrido. Heidegger (2013), Forghieri (2011) e Castro (2017) ressaltam que um dos aspectos relativos ao ser-no-mundo é o *ser-em*, o *ocupar-se*. Fazemos a leitura a partir do próprio termo em, ocupação. É estar em determinado lugar, é direcionar-me para algo ou alguém, é voltar-me para o outro ou para algo. Então, esse Outro não consegue



visualizar nada além da situação, não consegue perceber quaisquer outros elementos que não sejam aqueles que estão relacionados ao problema que desencadeou todo esse comportamento. Eis o que denomino des-encontro.

Com o passar do processo psicoterápico, no ir e vir de histórias, confrontos, apelo a que esse Outro se escute, atingimos um momento em que a pessoa se permite escutar, se permite observar e compreender o sentido, a significância daquilo que lhe veio ao encontro, o *Aí* heideggeriano. Des-velado⁴ o fenômeno.

Ter: Você está querendo dizer que sua vida passou a ser voltada exclusivamente para essa pessoa? Interessante! Posso te perguntar algo: o que te leva a desvalorizar-se para ser valorizada?

S: (Me olha estupefata) Caramba, foi forte essa. Eu acho que [...]Gente do céu! Pera aí! Em nome do que eu achava ser amor, acabei realmente sufocando, eu não respeitei o espaço da outra pessoa. Meu Deus, na tentativa de cuidar eu magoei, machuquei e principalmente, em toda essa história, me machuquei. Não foi ela que se anulou, fui eu. Eu que me coloquei no papel de cuidadora, mas na tentativa de ser cuidada. Fui eu que comprei tudo antes que me fosse pedido no sentido de que talvez ela me olhasse e perguntasse o que eu gostaria. Fui eu que na realidade estava tentando viver a vida dela [choro compulsivo] [..., ...] obrigado. Caramba, parece que ate minha respiração voltou ao normal. Já não sinto o peso invisível que eu carreguei este tempo todo.

Ter: E como você está se sentindo?

S: Outra pessoa, mais leve e mais em paz comigo mesma. Pronta pra caminhar [gargalhada].

Re-encontro. Sou eu me possibilitando, me permitindo caminhar. Sou eu mesmo me percebendo mais seguro e seguindo adiante em meu dia a dia. Passo, em decorrência do processo psicoterápico, a ver a mim mesmo, a me escutar, a me perceber com deficiências, mas também com capacidades. Percebo a pluridimensionalidade do ser eu, do ser alguém que consegue sim ir em busca de novos horizontes, novos objetivos.

O re-encontro representa minha abertura à vida, ao mundo, às pessoas e, principalmente, a mim mesmo. Contudo isso não significa que passei a ser o dono da verdade absoluta e estou eximido de novas situações surpresa. Não. Ao me ver como

⁴ Em Fenomenologia, retirar o véu, revelar o que está secreto.



alguém em contínua aprendizagem, me percebo as fragilidades existentes, e continuo meu processo de vir-a-ser e em contínuo crescer. Me vejo a mim mesmo, quem sou, como sou e meus modos de ser no mundo. Assim, o processo terapêutico é essa clareira que se abre de forma que esse Outro, passa a compreender o sofrimento e a dor que está vivenciando como algo a ser enfrentado, compreendido e possível de transcender. Propicia um remeter a mim mesmo e perceber a pluridimensionalidade do viver.

À guisa de considerações finais

Quando ressalto a clínica de base fenomenológica, não estou aqui na condição de contrapor quaisquer outras possibilidades já existentes. Pelo contrário, meu pensar vem no sentido de reflexão, de re-pensar o já instituído e, muitas vezes, dogmatizado sob a égide da Fenomenologia filosófica.

Sempre fui muito crítico no sentido de observar um fazer clínico amparado em teorias criadas para um determinado momento da humanidade e que não condiziam com a vivência do povo brasileiro, quiçá do amazônida.

Ao ocorrer minha identificação com a Fenomenologia, pude a cada momento de mais estudo perceber que ocorria a possibilidade de considerar o meu contexto – a historicidade, como nos fala Heidegger – de uma forma que fosse além daquela que ali estava posta por essa perspectiva teórica. Pude, mergulhando nos pressupostos fenomenológicos, compreender que *ser-no-mundo* (*Dasein*, *Ser-Aí*) somos cada um de nós inseridos em nossos próprios contextos culturais e relacionais; percebi que é esse modo muito meu de interpretar a vida, o mundo, o outro, a mim mesmo.

Meu con-viver comigo, com o outro, com o amazônida, com o brasileiro, me percebi refletindo que não poderia permanecer na filosofia. Afinal, sou psicólogo. Continuar me amparando na filosofia, seria fazer o mesmo que criticava. Assim, comecei a estabelecer um link com a minha vivência, a minha experiência no cotidiano de ensino, pesquisa e extensão. Nessa perspectiva, a surpresa!

Conforme a supervisão foi ocorrendo de forma a sair da “estrutura filosófica” e passei a redimensionar para a vivência propriamente dita, os conceitos passaram a ser mais bem compreendidos por alunos de graduação e pós-graduação. Conforme fui amalhando o constructo filosófico ao cotidiano, pude perceber um crescimento em meus alunos que tomaram para si a responsabilidade “em fazer feno”, como eles dizem.



Percebi que a segurança ao lidar com os conceitos filosóficos da fenomenologia possibilitava com que se fizessem “presentes” – sempre pedi isso para eles – junto às pessoas.

Ponto que também me chamou a atenção foi a apropriação, por parte dos que estão no estágio, dessa possibilidade expressa no que concerne à perspectiva anteriormente lançada. A sessão clínica, atualmente, apresenta fluidez, apresenta possibilidades de ir além daquilo que os deixava inseguros. Ao trabalhar com a perspectiva do encontro, des-encontro e re-encontro, conseguimos que o aluno observasse o quão pluridimensional é a clínica psicológica e o quanto de entrega, de permitir-se, de possibilitar-se, é precípua para que a clínica realmente seja vivenciada plenamente.

Com a pesquisa também esse redimensionamento ocorreu. Não é somente o tema, o objetivo, a metodologia. É o meu modo-de-ser pesquisador, é minha genuína participação junto a esse outro, é me sentir privilegiado por cada uma dessas pessoas me trazer sua vida e mergulhar com ela em sua dor, seu sofrimento, sua alegria, sua possibilidade de compreender-se em sua própria caminhada.

Ao iniciar a perspectiva dos três olhares: o olhar que lanço sobre mim mesmo, o olhar que lanço sobre o outro e o olhar que lanço sobre o olhar do outro, me permitiram mergulhar ainda mais na perspectiva clínica e de pesquisa. Outorgou, a todos nós, uma compreensão de fenomenologia que mais do que nunca transcende a perspectiva filosófica, uma vez que, vai além do que está posto, de forma hermética e abstrata. Nos permitiu, sim, nos permitiu, a mim e meus alunos na clínica e na pesquisa, realmente vivenciar o “ser genuíno” na relação com o outro; nos permitiu compreender a dimensão da angústia inerente à experiência desse outro e a nossa; nos permitiu compreender que acolhimento vai muito além do que os livros didáticos se arvoram em instituir; nos permitiu compreender que historicidade – conforme Heidegger pressupõe – vai além do estabelecido, mas se compreende no constituído e no constituir-se.

Não estou aqui me colocando na condição de estabelecimento de novos campos teóricos, não. Pelo contrário. Tudo isso vem no sentido de que se pode pensar as teorias além do hermeticismo a que foram fadadas a permanecer e que creio, sem sombras de dúvidas, os próprios teóricos não gostariam que assim fosse. Torna-se necessário ir, por



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

exemplo, além da filosofia que se constitui o parâmetro basilar da Psicologia Fenomenológico-Existencial. Vai, dessa forma, em a partir dos conceitos filosóficos, imbricar esse marco conceitual com o nosso fazer na clínica, tornando o constructo em fundamento apreensível para aquele que se identifica com a área clínica.

Entretanto, para mim, Psicologia vai além de princípios fechados e que hoje, na sociedade atual, **não têm razão de ser**. O mundo mudou, a sociedade mudou, o homem transformou, olhares modificaram. Portanto, é preciso ir além da mediocridade em que se arrasta comumente a existência. Existir? É se perceber em abertura para o que o mundo viabiliza, para o que a vida nos traz, para a percepção de que nossa caminhada é dinâmica, é ímpar, é um ter-se sem que realmente nos venhamos a ter.

Referências

CASTRO, E. H. B. A filosofia de Martin Heidegger. *In*: CASTRO, E. H. B. (org.). **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa**. Curitiba: Appris, 2017.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes Márcia de Sá Cavalcante (trad.). 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

VALVERDE, A. **Ruptura, solidão e desordem: fenomenologia do Delírio**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011.

Recebido: 20/11/2020. Aceito: 8/12/2020.

Autor:

Ewerton Helder Bentes de Castro - Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia FAPSI/UFAM. Coordenador do Labfen.

E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>